

Pedagogia Afro-Afetiva: um relato de experiência

Afro-Affective Pedagogy: an experience report

Sara Raquel de Alencar Ferreira Ulisses¹ 

1. Mestra em Educação (MPEDU/URCA)
EMEI Professora Francisca Letícia do Amaral Brasileiro
E-mail: salencarferreira@yahoo.com.br

Dossiê - II Encontro de Egressos do Mestrado Profissional em Educação (URCA)

Resumo: Após desenvolver um estudo bibliográfico baseado nos valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil, idealizados por Azoilda Loretto da Trindade, floresceu em mim e em meu fazer pedagógico o desejo de partilhar o significado da Pedagogia Afro-Afetiva por onde for. Esse trabalho é fruto deste estudo bibliográfico, aliado ao relato de experiência vivenciada no mês de novembro de 2023, na EMEI Professora Francisca Letícia do Amaral Brasileiro, localizada no Município de Juazeiro do Norte-CE, local onde sou professora de Educação Infantil há quase três anos, pude desenvolver minha pesquisa de mestrado fundamentada na diversidade étnico-racial na Educação Infantil e hoje ressignifico e compartilho um pouco da minha história docente nesta instituição.

Palavras-chave: Educação Infantil; Pedagogia Afro-Afetiva; Docência.

Abstract: After developing a bibliographical study based on Afro-Brazilian civilizational values in Early Childhood Education, idealized by Azoilda Loretto da Trindade, the desire to share the meaning of Afro-Affective Pedagogy wherever I go flourished in me and in my pedagogical work. This work is the result of this bibliographic study, combined with the report of experience lived in the month of November 2023, at EMEI Professora Francisca Letícia do Amaral Brasileiro, located in the Municipality of Juazeiro do Norte-CE, where I have been an Early Childhood Education teacher for almost three years, I was able to develop my master's research based on ethnic-racial diversity in Early Childhood Education and today I reframe and share a little of my teaching history at this institution.

Keywords: Early Childhood Education; Afro-Affective Pedagogy; Teaching.

Introdução

Traduzir a Pedagogia Afro-Afetiva (PAA), idealizada por Azoilda Loretto da Trindade (2005), em experiências significativas na Educação Infantil é ser afetado e poder afetar positivamente a formação da identidade dos bebês e das crianças

bem pequenas e pequenas, mediante os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros (VCAB): axé/energia vital, oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade, cooperação, memória, ancestralidade, religiosidade, territorialidade.

Trabalhar com estes valores desde o início da Educação Básica é contribuir com uma sociedade mais justa e mais humana. Mais justa, por conceber as relações étnico-raciais como primordiais no processo educativo dos sujeitos, efetivando a Lei 10.639/03.

Mais humana, por ressignificar o relacionamento afro-afetivo entre: i) o eu, o outro, e, o nós; ii) escuta, fala, pensamento e imaginação; iii) traços, sons, cores e formas; iv) corpo, gestos e movimentos; e, v) espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Estes, configuram os campos de experiências a serem trabalhados na proposta educativa da Educação Infantil, conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

Nessa perspectiva, o objetivo desta pesquisa foi vivenciar a Pedagogia Afro-Afetiva com crianças bem pequenas e pequenas da Educação Infantil. A relevância deste relato de experiência consiste em afro-afetar concepções e práticas pedagógicas na Educação Infantil, em prol de uma sociedade mais justa e mais humana.

Método

Essa pesquisa de natureza qualitativa fundamentou-se em um estudo de caso desenvolvido na EMEI Professora Francisca Letícia do Amaral Brasileiro em Juazeiro do Norte-CE. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista com as famílias de quatorze crianças de uma turma do Infantil II, a técnica de análise de dados ocorreu à luz dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros idealizados por Trindade (2005).

No tocante aos aspectos éticos dessa pesquisa, foram preservados os nomes das crianças e de suas famílias, sendo apresentadas nos resultados e discussões apenas mediações docentes guiada pela Pedagogia Afro-Afetiva.

Resultados e discussões

A Pedagogia Afro-Afetiva floresceu em mim, a partir da minha pesquisa de MPEDU/URCA, orientada pela professora Dra. Cicera Nunes e idealizada pela intelectual Azoilda Loretto da Trindade. Trilhar por esse caminho repleto de afro-afetos possibilitou-me contribuir com transformações positivas em meu ambiente de trabalho contando com a participação da gestão, docentes, crianças, famílias, entre outros educadores.

Como professora de Educação Infantil procuro contribuir com o desenvolvimento pleno das crianças a partir de suas múltiplas linguagens. Os projetos são organizados a partir das experiências com as próprias crianças, pois como orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil DCNEI (BRASIL, 2009), a criança deve ser o centro do planejamento e, conforme o seu Artigo 4º, reconhecida como:

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Neste sentido procuro mediar experiências que potencializem as relações étnico-raciais fortalecendo a construção da identidade das crianças, como por exemplo o projeto intitulado “O meu nome tem história”, o qual pude vivenciar com as crianças na EMEI ao longo do mês de novembro; mês de intensificação das reflexões sobre a consciência negra, a partir das rodas de conversas, contações de histórias e atividades afro-afetivas; guiadas pelos VCAB.

Ao pensarmos sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros, criamos possibilidades de contar novas histórias, de inserir sujeitos e subjetividades dentro deste ambiente escolar que pode, e deve ser

acolhedor e respeitoso com todas e todos. [...] Azoilda nos mostra que esses valores podem ser pensados e aplicados dentro e fora do cotidiano da escola, agindo como estratégia de múltiplas atuações. (Silva, 2021, p.54).

Todos os dias trabalhamos o AXÉ/ENERGIA VITAL, com as crianças demonstrando ações e atitudes que alegram mais o nosso viver, como por exemplo observamos as cores, os sons, os cheiros e as outras vidas que nos cercam. No projeto *Meu nome tem história*, as crianças perceberam a história de vida de cada um/a mediante o afeto das famílias na explicação dos porquês na escolha de cada nome.

Nesse percurso a ORALIDADE deu visibilidade as especificidades de cada criança em conjunto de suas famílias, proporcionando momentos de curiosidade, imaginação e criatividade por meio das histórias contadas e contextualizadas pelas próprias crianças, assim vivenciamos “[...] uma oralidade que afete o outro e como via de mão dupla deixar que o outro fale e nos afete.” (Silva, 2021, p. 56).

Momentos construídos na CIRCULARIDADE, nas rodas de conversas com as crianças fortalecendo a amizade da turma e o desejo de compartilhar afetos por meio das histórias ilustradas, positivando a existência de cada um/a mediante a CORPOREIDADE, destacando características, enfatizando o protagonismo histórico, social e cultural de cada um. “Compreender sobre corpos que tiveram suas existências negadas, subjugadas, subalternizadas e, em muitos casos apagadas é refletir sobre uma outra possibilidade de encarar nossas questões relacionadas as nossas subjetividades nos diversos espaços.” (Silva, 2021, p. 57).

Nesse sentido nos apropriamos da LUDICIDADE, partilhando momentos de diversão, alegria e vontade de querer se aventurar conhecendo e refletindo sobre as histórias das crianças. A MUSICALIDADE também esteve presente em todos os encontros, pois “[...] promove momentos lúdicos e únicos de entrelace entre corpos numa perspectiva de integração e harmonia, aguçando nossos sentidos e afetando nossas existências.” (Silva, 2021, p.57).

Nesse ambiente as crianças também formularam hipóteses sobre a importância da COOPERATIVIDADE, isto é, de uma história de vida complementando a outra, dos afetos de um, tocando os sentimentos do outro e, assim construindo um ambiente de camaradagem, parceria e respeito mútuo.

A MEMÓRIA, construída nesses momentos vivenciados com as crianças, fortaleceram os laços familiares, cada criança escutou sua própria história por meio dos depoimentos que as famílias deram, fortalecendo também a ANCESTRALIDADE, ou seja, as culturas, tradições, entre outras particularidades que cada criança possui em sua essência humana.

A RELIGIOSIDADE, refletida nas histórias do povo de Juazeiro do Norte, seus saberes, suas crenças e sua TERRITORIALIDADE, tratando de suas origens, bens naturais e comunitários que fortalecem o sentimento de pertencimento ao espaço geográfico que ocupam e constituem-se como seres humanos.

Para ampliar ainda mais os saberes das crianças a partir dos VCAB utilizamos o livro Com qual penteado eu vou? escrito por Kiusam de Oliveira, tocando-lhes principalmente em suas memórias ancestrais, pois no livro os netos do vovô centenário conhecido por “Vovô Expedito”, lhe presenteiam com os seus penteados em um belo desfile no qual os significados dos seus nomes enfatizam suas histórias entrelaçadas nas origens africanas.

Com isso a Pedagogia Afro-Afetiva foi concretizada a partir das expressões, sentimentos e desejos das crianças em apresentar as histórias dos seus nomes para todas as turmas da EMEI, com mediações docentes afro-afetivas.

Figura 1 - Apresentação das crianças em 23 de novembro de 2023 na EMEI



Fonte: Acervo pessoal

Percursos de compartilhamento da Pedagogia Afro-Afetiva na Educação Infantil

Para chegar até aqui contamos com a parceria de professoras que entenderam o real sentido da Lei 10.639/03 e puderam contribuir significativamente na concretização desse sonho, denominado *Pedagogia Afro-Afetiva*.

A realização da minha pesquisa de mestrado intitulada *Diversidade Étnico-Racial na Educação Infantil: dialogando com o projeto político-pedagógico e a formação docente*, deu origem ao livro *Cartas Afro-Afetivas das Professoras de Educação Infantil em Juazeiro do Norte*. Nesse livro apresento as cartas das professoras que estiveram ativas no decorrer dos encontros, rodas de conversas e compartilhamento das experiências na Educação Infantil. Cada uma delas relata sua trajetória de vida baseada nas relações étnico-raciais, expressando sentimentos que nos atravessam e dão sentido às nossas ações pedagógicas.

Antes da produção do livro, houve o compartilhamento desses sentimentos que fluíram a partir da compreensão dos VCAB na Educação Infantil, traduzidos em seis cartas, as quais tenho prazer de compartilhar nesse artigo para que possam tocar educadores, em especial docentes da Educação Infantil no processo de ressignificação de suas concepções e práticas pedagógicas no tocante as relações étnico-raciais.

CARTA 1

Juazeiro do Norte-CE, 29 de abril de 2023.

Ao diálogo com o Projeto Diversidade Étnico-Racial na Educação Infantil.

Ao pensar nas minhas experiências de vida no tocante as relações étnico-raciais, fui surpreendida ao perceber que primeiramente nunca havia pensado sobre o assunto. Depois fiquei surpresa muito mais quando simplesmente não encontrei nas minhas lembranças infantis nenhum amigo ou amiga negro/a.

Busquei nas minhas memórias da escola, da rua e nada. A relação étnico-racial que eu tive foi nas ilustrações dos livros de história, nas páginas que mostravam os escravos acorrentados. Nenhuma professora ou catequista me veio à mente. Foram minutos angustiantes de busca, que me mostraram a bolha em que vivi, e era uma grande bolha. Eu lembrei da minha avó paterna que era negra, ela era boa e eu a amava. Mas, escutei muitas falas dela racistas e também de outros idosos daquela época, e a família tratava aquilo como algo muito engraçado e naturalizado entre a gente.

No Ensino Médio eu fui estudar no Agrícola e percebi que dependendo do local que eu estava, aumentavam o número de pessoas negras no meu convívio. No Agrícola, tinham poucas mulheres e menos ainda mulheres negras. As duas mulheres negras que me lembro eram separadas das outras, acredito que elas se afastavam como autodefesa das críticas que tinham vivido até ali, e eu não era amiga delas.

Eu agradeço a oportunidade singular que me foi dada por meio deste projeto, na qual pude entender o meu fazer pedagógico e a minha forma de pensar as relações étnico-raciais até então. O mergulho na minha história, conforme as experiências ou in experiências com a diversidade desnudam a apatia e a falta de importância que eu tratava o tema na prática. Apesar do discurso está sempre dentro dos conformes e cheios de frases clichês. O chão da sala de aula é o melhor lugar para um refazer constante, desconstruindo o que não foi bom, e reconstruindo enquanto educadora, mas, principalmente enquanto ser humano.

Alécia Pereira Pontes

CARTA 2

Juazeiro do Norte-CE, 29 de abril de 2023.

Nasci em 28 de janeiro de 1976, filha de professora e caminhoneiro, meus pais, sempre muito esforçados, buscaram pra mim e meus irmãos o que eles não tiveram a oportunidade de desfrutar. O meu pai quando criança foi entregue pela família, porque os mesmos diziam não ter condições de criá-lo, a pobreza era latente e assim foi crescendo, de lar em lar, com aqueles que no momento se dispunham a lhe dar um teto.

Estudou até a 4ª série, abandonou os estudos, pois precisava trabalhar na roça, onde mais lhe mandavam. Minha mãe conta que andava alguns quilômetros para conseguir chegar na escola, passava o dia de fome, porque, como era longe, tinha que sair muito cedo e acabava voltando muito tarde. Nessa época as escolas não forneciam merenda, mas não desisti, foi crescendo e os meus avós mudaram do sítio para a vila, lá, ela conseguiu continuar estudando. Foi nesse local que ela e meu pai se conheceram. Iara – CE, distrito da cidade de Barro – CE.

O meu avô materno, homem preto, sem estudos, de família simples e honesta, assim como meus pais, buscava o melhor para seus filhos, foi o responsável por buscar sair do sertão, momento em que o Ceará passava por grandes dificuldades, muitas famílias migraram em busca da sobrevivência, de início foi para a vila de Iara, anos

mais tarde para a cidade de Juazeiro do Norte, cidade na qual suas filhas estudaram e foram transformando a realidade de todos.

Minha avó materna, mulher, nordestina, analfabeta funcional, não foi fácil, mas ela sempre visionária buscou junto ao vózinho realizar para os filhos sonhos que pareciam impossíveis na época, ver todos os seus filhos formados e independentes.

Honro todos os que me antecederam, não sei bem sobre os ancestrais do meu pai, o meu avô Nelson, a minha avó Isabel, pobres em uma época que o Nordeste, o Ceará enfrentavam grande desilusão, a indústria da seca operava na região, os pobres explorados, marginalizados, esquecidos e desvalidos, famílias inteiras sonhando e clamando por chuva, para conseguir plantar e ter o que comer, crianças que não passavam dos dois anos de idade. Sei que eles tiveram seus motivos em abandonar meu pai. Nós os perdoamos, eles estão em nossas preces, somos gratos a eles por termos o nosso painho. Homem digno, de fibra, que tem em seu DNA a fé a esperança, sabe quem é e o que quer e sempre quis na vida.

A minha mãe tem com ela algumas questões de infância que se estendeu até a vida adulta, quando ela e minhas tias, por serem miscigenadas, sofriam com palavras mal ditas, onde as comparavam. São cinco filhas, três pretas e duas brancas, viviam sempre questionando se eram irmãs de verdade. Minhas tias pretas se retraíam, não entendiam na época, mas estavam sofrendo racismo. Algo silencioso que gritava em seus corações, mas elas não sabiam verbalizar, argumentar, se defender.

Desse modo, sempre vivi nesse meio em que o racismo era vívido. Minhas primas chamadas “nega do cabelo pituim” e questionadas constantemente, “porque você usa essa arapuca na cabeça?” sofriam bem diante dos meus olhos essa violência. Eu como pessoa branca nunca entenderei completamente essa dor. Mas, me entristeço ao ver que ainda hoje alguns dos meus alunos e alunas, pretos e pardos negam seus cabelos e peles devido a permanência desse racismo.

Portanto, vejo a necessidade de discutir o tema e combater o racismo estrutural presente na sociedade, com o intuito de brevemente ver o mundo

minimamente melhor e poder presenciar as crianças para quem dou aula, se olharem no espelho e dizerem com confiança que suas peles e seus cabelos são lindos.

Fabiana Medeiros Santos

CARTA 3

Juazeiro do Norte-CE, 29 de abril de 2023.

Ao diálogo com o Projeto Diversidade das relações étnico-raciais na Educação Infantil.

Olá! Meu nome é Kelly Cristina Maia de Araújo, nasci na cidade de Juazeiro do Norte-CE e sou a primeira filha de quatro irmãs. Iniciei minha vida escolar em uma instituição de ensino privado, da Educação Infantil até o Ensino Fundamental II, portanto tive pouquíssimos(as) colegas negros.

Na Educação Infantil, lembro que só tinha um colega negro, o Hélio e no Fundamental I, somente uma colega que era a Isabel, percebia que ela ficava bastante incomodada em relação ao cabelo. Essa temática das relações étnico-raciais não era abordada por nenhum professor(a). Nessa escola que estudei, do Infantil ao Fundamental II recordo-me de ter tido apenas duas professoras negras.

Ao chegar no Ensino Médio o cenário em relação a colegas negros já mudou, pois fui para uma instituição de ensino público, lá tinha mais pessoas negras, porém essa temática das relações étnico-raciais não era um tema recorrente.

Depois de várias tentativas para passar no vestibular, finalmente em 1997, ingressei na URCA (Universidade Regional do Cariri), no curso de Pedagogia, lá tive um contato mais amplificado sobre a temática abordada, tinha uma professora chamada Rosa, que era professora substituta, do movimento negro e muito engajada em promover ações antirracistas dentro da Universidade. Ela promovia seminários e convidava não somente educandos do curso de Pedagogia como dos demais cursos do campus, esses encontros falavam sobre o impacto de piadas racistas.

Após concluir o curso de pedagogia, depois de alguns anos, passei no concurso para professora no Município de Juazeiro do Norte-CE, em 2006. O tema da Diversidade étnico-racial passou a ser mais discutido nas formações, mais ainda de

forma esporádica. Na minha prática em sala de aula procuro propiciar essas relações através de brincadeiras, de histórias onde os protagonistas sejam pessoas da diversidade étnico-raciais.

Costumo oferecer bonecas negras para as crianças, no começo quando oferecia as bonecas, tinha uma certa resistência por parte delas em querer brincar com as bonecas negras; tanto por crianças brancas e como negras.

Seria muito bom ter mais projetos voltado para essa temática dentro da escola, valorizando a Diversidade nas relações étnico-raciais. É importante que no PPP (Projeto Político-Pedagógico) da escola esteja inserido ações que contemplem o tema discutido aqui.

Kelly Cristina Maia de Araújo.

CARTA 4

Juazeiro do Norte-CE, 29 de abril de 2023.

Carta escrita a requerimento do Projeto Diversidade Étnico-Racial na Educação Infantil.

Sou Raquel Marcelino Matos Peixoto, nasci em 10 de maio de 1983 no Município de Crato-CE. Sempre morei com meus pais no Sítio Batateiras em Crato, em 2020, casei e passei a residir no Bairro Gisélia Pinheiro. Fiz todo o Ensino Fundamental na Escola Juvêncio Barreto no bairro mesmo, no período noturno desde a 5ª série com 11 anos, pois, tinha que cuidar da minha mãe que estava muito doente, mas para concluir o 3º ano tive que ser transferida para a escola José Alves que ficava na Vila Alta, devido a modalidade de ensino desenvolvida não ser permitida para a minha idade na antiga escola.

Quando criança não tive acesso a histórias e até os desenhos na TV Globo e SBT, era em preto e branco então não tinha noções de cores. Quando fui para a escola pela primeira vez, lembro-me que estava com um vestido lindo. O único vestido que eu tinha, pois, todos os anos uma senhora presenteava-me com um vestido (minha única

roupa nova). Ao entrar na sala sentei-me na mesa, espalhei o vestido e todas as crianças se aproximaram de mim, me senti uma princesa.

Depois veio a realidade só ia suja e com roupas muito velhas, então comecei a sentir uma sensação de abandono e humilhação por parte de todos da escola. Não entendia o porquê de não poder ser anjo nas coroações de Maria no mês de maio, de não ser escolhida para desfilar.

O tempo passou e quando cheguei no Fundamental eu só pensava em tirar notas boas, pois era a única coisa que eu poderia fazer para ser respeitada. Fui construindo laços afetivos, emprestavam-me roupas quando necessário, sempre tinha uma amiga por perto. O Ensino Médio, foi mais tranquilo, já me destacava nas notas e estava participando das coisas da igreja, estava bem inserida na comunidade, sem nunca pensar em questões de padrões estéticos, étnicos ou culturais.

Em 2001 entrei na Universidade Regional do Cariri- URCA, no curso de Pedagogia. Então todas essas questões de padrões vieram à tona nesse período, sofria calada, só não desisti da faculdade por que sabia que era a única chance que teria de mudar a situação em que eu e minha família vivíamos. Não era humilhada por ninguém pelo contrário faziam questão que eu estivesse inserida nos grupos deles, mas o pior preconceito vem de você mesmo. Chamava-me para lanche e por não ter dinheiro eu não ia, me isolava, ficava sozinha nas aulas vagas e intervalos.

Na primeira aula que ministrei como professora substituta, na escola do município no mesmo bairro que eu morava, com dinheiro providenciei logo uma farda. Não precisava, mas tinha vergonha das roupas, quando consegui ser aprovada para ser estagiária e depois agente administrativa do SESI-CRATO, tudo foi melhorando.

Mas, quando cheguei a fase de estágios, pedi para fazer na escola que passei a maioria da minha vida escolar, queria contribuir. A professora olhou para mim e disse que teria que ir armada, devido à violência no meu bairro. Chorei diante de todos e prometi naquele momento a mim e para ela que seria um dos melhores estágios de gestão que ela iria acompanhar. Quando terminou o estágio, me agradeceu. Na

faculdade queria muito ser bolsista, fui para a seleção, mas perdi a possibilidade pois o professor disse que eu não poderia por morar longe, não ter transporte e nem computador.

Especializei-me em gestão com ênfase em Psicopedagogia na Faculdade Leão Sampaio. Quando trabalhava no SESI, algumas pessoas chegavam para mim e perguntavam onde eu morava. Quando eu respondia na Batateira, eles logo me interrogavam: Pode sair alguém capaz de trabalhar nessa empresa desse bairro. E eu respondia, eu estou aqui.

Conseguí passar nos concursos públicos de Juazeiro do Norte nos anos 2006 e 2009, para os cargos de professora de Educação Infantil, transformando assim a minha vida, na época do segundo concurso, o SESI-CRATO estava na iminência de fechar, mas já tinha sido convidada para trabalhar no SESI-JUAZEIRO, tendo a possibilidade de escolher setores como Saúde e Educação. Na época fiquei muito feliz pois aquela incapaz diante de tantas pessoas passando por tantos preconceitos, naquele momento era tão desejada e valorizada pela empresa. Agradei, mas fiz uma das melhores escolhas da minha vida, fui ser professora de Educação Infantil, no Município de Juazeiro do Norte 200h/a. No município ainda fui nos anos de 2011 e 2012 Coordenadora Pedagógica.

Com o pouco de conhecimento que tinha sobre a Diversidade Étnico-Racial, e na busca constante de desenvolver uma cultura de respeito por todos os lugares que passo, busquei e busco transformar a realidade de muitos que passaram e passam na minha vida, não é fácil o preconceito está enraizado nas pessoas, mas busco aprender a cada dia para que possa contribuir de forma construtiva para a transformação de pensamentos e ações da nossa sociedade.

Raquel Marcelino Matos Peixoto

CARTA 5

Juazeiro do Norte-CE, 29 de abril de 2023.

Cara colega,

O tema abordado por você em nossos encontros, levou-me a refletir sobre muitas questões em relação as minhas origens e experiências, tenho raízes africanas por parte de minha avó materna, sendo todos os outros avós tidos como caucasianos, descendentes de europeus.

Talvez por estar num contexto familiar miscigenado não percebia nenhum tipo de preconceito e/ou que poderia haver diferenciação nas relações entre as pessoas a depender de sua tonalidade de pele.

Lembrei-me dos anos iniciais da escola, onde o acolhimento carinhoso e respeitoso era para todos.

Tínhamos professores e colegas de todas as cores. E ao mesmo tempo para mim não existia diferenciação. Só com o passar dos anos fui percebendo tanto na sala de aula como no dia-a-dia que para boa parte da sociedade a cor da pele tem importância e faz sim a diferença. Infelizmente percebi que preconceito e racismo sempre existiram, porém eram silenciados. Nunca debatido, nunca falado, mas vivenciado por muitos e com muita dor.

Meu desejo é que temas sobre relações étnico-raciais sejam explorados em todas as esferas para todas as classes e em todos os níveis. Só dessa forma, com todos envolvidos com um único objetivo de conscientizar a sociedade que todos nós fazemos parte de um enorme grupo formado por vários povos cada um com suas riquezas culturais e suas singularidades.

Por último quero lhe agradecer Sara, pelo incentivo e reforço que você com suas pesquisas e palavras nos encontros, me deu para que eu continue buscando e entendendo melhor as relações étnico-raciais e a partir dessas experiências contribuir também no dia-a-dia, tanto no trabalho, como na família e em todos os espaços que esteja presente.

Gratidão!

Renata de Sousa Costa da Cunha

CARTA 6

Juazeiro do Norte-CE, 29 de abril de 2023.

Entre encontros, desencontros e reencontros: uma reflexão sobre os caminhos da vida que me trouxeram até aqui.

“Se fosse fácil achar o caminho das pedras, tantas pedras no caminho não seria ruim” (Engenheiros do Hawaii).

Ao diálogo com projeto diversidade das relações étnico-raciais na Educação Infantil.

Olá! Tudo bem? Eu me chamo Simone Salviano Nascimento e, irei contar um pouco do meu percurso de vida até chegar neste momento tão especial.

Nasci no dia 20 de junho de 1989, na cidade do Crato-CE. Desde criança morei no Bairro Lameiro, mais precisamente, no Sítio Luanda onde moro até os dias atuais.

Sou filha de pessoas simples e que acreditavam que o único caminho era por meio da educação. Meus pais eram agricultores e não tiveram muitas oportunidades para estudar, desde muito cedo tiveram que ajudar suas famílias no trabalho, porém, sempre incentivaram e tentaram dar aos filhos a oportunidade que não tiveram.

Então, fazendo um resgate da minha trajetória vem um misto de emoções, vem na memória minha mãe incentivando a estudar para que eu pudesse ter minha autonomia e independência. Hoje sou fruto de valores transmitidos pela minha mãe e de tantas “Marias” fortes e inspiradoras.

Na infância, lembro que cresci em uma família bem grande, com os meus quatro irmãos, avós, tios, primos que se reuniam nas tardes de domingo ouvindo as histórias do meu avô. Histórias do conhecimento popular, do folclore, saberes sobre a natureza como, por exemplo, observar os formigueiros e prever que a chuva estava por vir. Sentir o cheiro que vinha da chapada e dos animais que ali habitavam. Conhecer os frutos, as plantas, suas cores e sabores. E para fechar o dia aquele gostoso banho no rio da água fria.

Em contrapartida, na escola o conhecimento era outro, a valorização dos conhecimentos sistematizados, as histórias eram diferentes com princesas e príncipes brancos. Eu amava a história da Rapunzel, lia e relia sonhando ser essas princesas que não tinham nada a ver comigo, guardo na memória que não existiam outras referências. Na mídia a valorização de mulheres loiras e sim! Eu sonhei em ser “Paquita”.

*Existia um silêncio sobre as relações étnico-raciais em casa, como também, na escola. O negro era retratado com as marcas da escravidão e o índio como alguém que aceitou ser dominado pelo branco em troca de “espelinhos”. E, nesse processo posso destacar que dificultou a construção da minha identidade, foi um período marcado pelo **desencontro**, pois, passei a distanciar das minhas origens, desse contato com natureza, de valorizar os conhecimentos do povo mateiro e desejar me enquadrar nos padrões que eram valorizados socialmente.*

O tempo foi passando e ao passo que ia avançando nas etapas da educação básica não me recordo de ações afirmativas. Até que um dia chegou o momento de preencher um questionário () negro, () branco, () pardo. Lembro-me da dúvida do que marcar e lembro mais ainda da resposta da professora: “Se você não é preta nem branca, você é parda”. Sem nenhuma problematização, sem discursão sobre nossas matrizes, sem um posicionamento político. Era mais ou menos no automático. E assim vivi marcando nos formulários: Parda... Parda... Parda... Nessa época a busca era se enquadrar em padrões de beleza que não condiziam com o perfil da nossa sociedade.

O cabelo tinha que ser liso para ser considerado bonito. Isso contribuiu para construir uma insegurança com minha imagem E, trago marcas até os dias atuais, pois, logo após engravidar tentei passar pela transição capilar tanto pela questão da utilização de produtos químicos, como pela reflexão de que valores eu estaria passando para minha filha. Foi um processo bastante difícil primeiro pela minha própria aceitação, de não me achar bonita com o cabelo natural. Em segundo lugar, a

pressão social para eu voltasse alisar os cabelos como, por exemplo, a fala “você está parecendo descuidada”.

Voltando para o resgate do percurso de vida posso refletir que na Educação Básica havia poucos debates em relação à diversidade, racismo, discriminação e preconceito. Ou melhor, tudo era tratado de forma geral. Existiam ações pontuais mais voltadas à disciplina do que desconstrução de estereótipos negativos sobre a diversidade. E assim cheguei à Universidade, buscando descobrir quem eu era e qual caminho seguir.

*Em 2008, iniciei o curso de Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri-URCA e a partir das disciplinas me fizeram ampliar a visão de mundo, construir novos referenciais e começar a compreender um pouco melhor a construção histórica da nossa sociedade. Conheci também, a política das cotas como uma forma de reparação dos danos causados pelo racismo estrutural através da professora Cícera Nunes. Foi o início para o processo de **encontro** e construção da minha identidade.*

Nesse período fui bolsista de iniciação a docência pelo PIBID. Esse foi um impulso para eu descobrir qual meu papel no mundo, pude refletir bastante sobre a minha trajetória e o caminho que queria trilhar. Comecei a desenvolver trabalhos sociais contribuindo com as pessoas da minha comunidade e ajudar aqueles que não tiveram as mesmas oportunidades. Eu e um grupo de amigos fundamos uma associação para conseguirmos melhorias para os moradores em parcerias com entidades oferecendo cursos técnicos entre outras ações.

No segundo semestre de 2012, me formei e comecei a trabalhar como professora temporária na rede municipal de ensino na cidade do Crato. E nesse momento percebi que não queria repetir aquelas práticas tradicionais descontextualizadas. Foi assim que iniciou um processo de busca, de tentativas, erros e acertos. Trabalhei durante 7 anos com o objetivo de ampliar o repertório cultural das crianças e que elas valorizassem sua história que começava antes mesmo delas nascerem.

Em paralelo, no ano de 2017 ingressei também da rede particular de ensino. Nessa instituição pude aprender bastante e reconstruir minha prática. Contemplando noções de sustentabilidade, ludicidade e protagonismo infantil. Foi nessa época de despertou meu amor pelas contações de história como forma de ampliação de repertórios culturais.

Vivenciando a experiência de trabalhar na rede particular e pública pude aprender bastante e perceber como podemos fazer a diferença na vida das pessoas, principalmente para as crianças da rede pública que não tem muito acesso a conhecimento, cultura e muitas vezes sem o apoio familiar.

*Em 2018, comecei minha Especialização em educação infantil URCA, foi uma experiência bastante significativa. Cheia de **encontros** com professoras incríveis com compartilhamento de vivências inspiradoras. Nesse momento, conheci a pesquisadora Sara Raquel, mulher forte, encantadora e de sorriso doce. Na ocasião pude ampliar as noções de currículo para as crianças. Respeitando seus tempos, espaços e trajetórias. Proporcionando práticas pedagógicas que contemplassem a diversidade e respeito às diferenças e apresentar nossa história em uma perspectiva diferente, conhecer e apresentar o continente africano através de suas riquezas e suas influências no nosso país.*

Em 2021, ingressei no meu trabalho como professora efetiva na cidade de Juazeiro do Norte. Foi um momento de extrema felicidade, pois, foi à realização de um sonho sonhado por mim, como pelos meus pais e familiares. Foi à prova que o caminho para transformação é a educação.

Infelizmente, meu pai não pode celebrar comigo essa conquista, mas, seus ensinamentos e palavras e energia estão presentes em mim e na minha prática. Ele ensinava “nem os dedos da mão são iguais”. E isso me faz refletir que precisamos sempre respeitar as diferenças, a singularidade de cada ser e acolher.

Dessa forma, busco atualmente oferecer práticas com a sensibilidade ética, estética e política citadas nos documentos oficiais. Valorizando a trajetória de cada

criança, como sujeito histórico, cultural e emocional. Enaltecendo que elas são frutos de uma linda história de amor, de força, de luta e de influência negra, indígena e branca.

*Nesse novo trabalho foi um período de encontro de novas professoras incríveis, com visões de mundo diferentes e de **reencontros** com outras colegas que conheci na caminhada com trocas, conversas, empatia e cooperação como, por exemplo, Sara. E, nesse processo chegamos até aqui, onde reflito sobre o processo de reconstrução da minha identidade e o que estou fazendo para contribuir para construção da identidade das novas gerações de forma a desconstruir estereótipos negativos, o racismo e o preconceito seja ele de cor, raça, gênero ou classe social.*

Como defende o pensador Paulo Freire, em seu livro “Educação como prática da liberdade” “A Educação é um ato de amor e por isso um ato de coragem. Não se pode temer o debate. A análise da realidade. Não se pode fugir da discursão criadora, sob a pena de ser uma farsa”. (FREIRE, 2011, p. 127).

***A professora fala:** Somos uma misturinha do papai, da mamãe, dos nossos avós, bisavós e tataravós e outros familiares, fruto de uma história que começa antes mesmo da gente nascer.*

*Esse estudo proporcionou uma reflexão sobre as práticas pedagógicas na instituição e uma nova ação. Foi o fio condutor para que eu pudesse me inspirar e encontrar novas linhas de estudo e pesquisa. Ao revisitar minha história, pude **reencontrar** comigo, hoje posso dizer que tento valorizar como eu sou, ser e usar o que me faz sentir bem. Pude também, perceber que sempre estive ao lado de mulheres fortes, batalhadoras. Ao passo que socialmente, muitas vezes não são valorizadas por isso. E surgiram tantas perguntas?*

Tantos porquês? Por que tentamos nos enquadrar em moldes que nos limitam? E quando uma pessoa não se encaixa nestes padrões, o que fazer?

Nessa problemática comecei a trabalhar com as crianças a desconstrução das primeiras impressões sobre gênero e diversidade que elas aprenderam com a família

e comunidade, de forma dialogar sobre estereótipos e estigmas negativos aprendidos socialmente, apresentando novos paradigmas e construir uma imagem positiva de si.

Por fim, quero agradecer a oportunidade de ter participado desse estudo, tendo em vista que, contribuiu bastante para minha prática pedagógica refletindo sobre quais repertórios culturais estou defendendo e, principalmente, para o lado humano de como acolher e como abordar temas considerados tabus com minha filha, família e crianças da instituição que trabalho.

Com carinho, Simone Salviano.

Após as professoras socializarem suas cartas no encontro que denominei Feijoada da Gratidão, pude sentir a satisfação do dever cumprido, pois nesse percurso de compartilhamento nossos corações ficaram convictos de que:

É preciso não somente conhecer os valores civilizatórios afro-brasileiros, mas, também colocá-los em prática desde a base de formação e ampliação de saberes dos sujeitos. A Educação infantil é esta base, que em oposto a naturalização das práticas pedagógicas reforçadoras do racismo nas salas de experiências, deverá ser baseada nas mediações afro-afetivas, repletas de acolhimento às relações étnico-raciais que nos constituem. (Ulisses, 2024, p. 52).

Saliento que as cartas das professoras aqui apresentadas, foram extraídas do meu produto educacional vinculado à minha dissertação de mestrado as quais deram ênfase a esse relato de experiência, traduzindo a Pedagogia Afro-Afetiva, mediante a compreensão dos VCAB na Educação Infantil.

Considerações Finais

Contribuir com as relações étnico-raciais na Educação Infantil é trilhar por caminhos que efetivem a Lei 10.639/03 nas concepções e práticas pedagógicas. Concepções pautadas nos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros e práticas mediadas pela Pedagogia Afro-Afetiva.

Assim tenho lutado em conjunto da equipe gestora e das professoras da EMEI Professora Francisca Letícia do Amaral Brasileiro em Juazeiro do Norte-CE, pois quando um projeto de diversidade étnico-racial é aceito por todos, o ambiente passa a ser organizado a partir do acolhimento afro-afetivo dos sujeitos, gerando mudanças no pensar e no fazer educação.

Portanto gostaria que esse relato de experiência tocasse na alma de todos os envolvidos com processos educativos brasileiros, gerando o desejo de também contribuir com uma sociedade mais justa e mais humana, a partir do seu próprio local de trabalho: tocando vidas, influenciando-as positivamente por meio das relações étnico-raciais e das mediações afro-afetivas que não se restrinjam às quatro paredes das salas de experiências, mas que possam fluir em todos os espaços institucionais.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Com qual penteado eu vou?** / Kiusam de Oliveira; ilustração Rodrigo Andrade. – 1. ed. – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021.

SILVA, Gisele Rose da. **Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Metanoia, 2021.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil**. In.: Valores afro-brasileiros na Educação. Boletim, v. 22, 2005. p. 30-36. (Salto para o Futuro).

ULISSES, Sara Raquel de Alencar Ferreira. **Diversidade Étnico-racial na Educação Infantil: Dialogando com o projeto político-pedagógico e a formação docente**. Crato-CE, 2024. 89p. il. Dissertação. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA.

ULISSES, Sara Raquel de Alencar Ferreira. **Cartas Afro-Afetivas das Professoras de Educação Infantil em Juazeiro do Norte-CE**. Crato-CE, 2024. 29p. il. Livro. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA.

Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – ISSN: 2595-0959, V. 7, N. 2, 2024

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Contribuição dos autores

Concepção e conceitualização: SRAFU

Redação do manuscrito original: SRAFU

Curadoria de dados: SRAFU

Análise de dados: SRAFU

Redação textual: SRAFU

Supervisão: SRAFU

Financiamento

Não houve financiamento.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação, ética e consentimento

Não se aplica.
